

## JORNAL DO BRASIL

# Coluna do Castello

### Unidade do PMDB e eleição em 88

Como partido, o PMDB está com dois problemas em pauta, ambos de extrema importância para o destino da agremiação. O primeiro deles é preservar sua unidade em meio a divisões internas que se dramatizaram nas votações da Constituinte. O segundo, que tem suas raízes no primeiro, é verificar se é da sua conveniência realizar eleição presidencial no próximo ano.



Apesar dos conflitos ideológicos, não parece convir ao partido majoritário precipitar sua desestabilização. Melhor seria deixar fluir o processo eleitoral nos municípios, cujo êxito é essencial à estabilidade política dos seus 22 governadores. As convenções municipais renovarão as bases partidárias e, por força da supressão do instituto da sublegenda, deverão deitar carga ao mar. O partido reduzira seus quadros, mas, em troca disso, poderá torná-los mais harmônicos ou pelo menos mais ajustados às lideranças dominantes em cada estado.

A representação federal do PMDB dividiu-se, mas não se deve deixar de dar atenção ao fato de que a maioria permaneceu fiel à pregação de centro-esquerda e vinculada à liderança do sr. Mário Covas. Se, em função dessa cisão suscitada pelo *Centrão*, o partido marchasse para uma secessão, é claro que a esquerda continuaria a ser sua expressão dominante. Resta saber se a representação federal está conjugada com o sistema de governadores estaduais.

Como se sabe, três desses governadores, dos mais expressivos, os srs. Miguel Arraes, Waldir Pires e Pedro Simon, são lideranças à esquerda e, por coincidência, foram os três principais opositores ao mandato de cinco anos do presidente José Sarney. Os outros dois que ficaram com o mandato de quatro anos não o fizeram por inspiração ideológica. O sr. Moreira Franco, do Rio de Janeiro, inspirou-se em razões políticas, com os olhos voltados para a presença do seu estado na faixa de comando político nacional. O outro, sr. Fernando Collor de Mello, definiu-se em função de uma luta que conduz com determinação em Alagoas e em função da qual se projetou como uma liderança nova.

Os demais governadores, a começar pelos de São Paulo e Minas, srs. Orestes Quércia e Newton Cardoso, embora exerçam um comando não ideológico, com inclinação preferencial pelo centro, não podem estar interessados na divisão do partido, seja porque suas bases estão vinculadas à legenda, seja porque seu futuro está pendente da sua inserção num sistema partidário sólido e estável. Para todos eles, melhor será preservar a estrutura do PMDB, pelo menos até que fatos novos, como a sucessão presidencial, impilam frações partidárias para divergências irremediáveis.

Não se deve prever, portanto, uma imediata ruptura do PMDB, com sua desagregação em função simplesmente dos problemas na Constituinte. Essas divergências serão possivelmente assimiladas, e nisso continuará a ter um papel o sr. Ulysses Guimarães, responsável até aqui pela convivência de correntes adversas sob uma mesma legenda, que sobrepõe àquelas objetivos comuns, que continuam a existir. A direita do PMDB não deve ter interesse ainda em perder a legenda, pois será eleitoralmente mais seguro, por enquanto, travar sua guerra à sombra da velha bandeira oposicionista e progressista.

Quanto ao problema da conveniência da realização de eleições presidenciais no próximo ano, há a considerar que, se à esquerda interessa abreviar a presença do sr. José Sarney no governo, aos governadores não interessa a hipótese de, para disputar a sucessão, renunciar a quase três anos de mandato, sem prestígio consolidado nos seus estados, para dedicar-se a uma luta prematura. No centro e na direita, há também os que não se interessam pelo mandato de cinco anos, como ficou demonstrado em sucessivos episódios, o que foi suficiente para paralisar o presidente da República e aconselhá-lo a não interferir mais no processo constituinte.

Se essa é a atitude formal do Palácio do Planalto, há no governo políticos, como o ministro Aluizio Alves, que preconizam uma incursão no *Centrão* para mobilizá-lo em favor dos cinco anos. Argumenta-se entre eles que a delonga na elaboração da Constituição, o agravamento do surto inflacionário e os problemas da reconstituição da economia nacional aconselham uma transferência de data da sucessão. Assim pensariam os militares e os governadores que não se comprometeram com a manobra para liquidar os cinco anos. Ora, os argumentos podem ter certo peso, notadamente quando aludem a possíveis apreensões militares, mas na realidade não se sabe se em 1989 as condições econômicas, financeiras e sociais do país estarão melhores do que em 1988. Esse é terreno de pura imprevisibilidade e pouca influência deverá ter sobre a decisão final da Constituinte.

### Jânio vem a Brasília

O prefeito Jânio Quadros marcou hora para visitar terça-feira o presidente José Sarney, em Brasília, antes de acompanhar dona Eloá a Boston, onde ela continuará seu tratamento de saúde. A viagem ao exterior está marcada para quinta-feira.

Carlos Castello Branco